2.º Anno — Lisboa, 1 de Fevereiro de 1886 — Numero 29

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas;
C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*): Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha;
Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim;
Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro;
Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor etc.

SUMMARIO

Texto: *Chronica*, por Casimiro Dantas.—*Tragedia infantil*, versos, (continuação), por Guerra Junqueiro.—*Historia da Legião portugueza*: *A campanha de* 1813, por Pinheiro Chagas.—*D. Maria de Lara e Menezes*, (conclusão), por L. A. Palmeirim.—*Deus!* soneto, por M. Osorio.—*Balzac na intimidade*, por D. Guiomar Torrezão.—*As nossas gravuras*.—*Um conselho por semana*.—*Em familia* (*Passatempos*).—*Expediente*.—*A rir*.—*Curiosidades*, por Nautilus.—*O conto da viscondessa*, por Eduardo Sequeira.

Gravuras:—*Luiz Guimarães Junior*.—*Gervasio Lobato*.—*Macedo Papança*—*Nossa Senhora do Monte*.—*Uma patuscada*.—*A actual e a futura rainha da Hollanda*.—*Porta da egreja das freiras da Conceição, em Beja*.

CHRONICA

Uma perfeita indigestão de Guimarães e Braga! Guimarães no parlamento, Braga na imprensa, Braga e Guimarães nos corredores de S. Carlos, Guimarães e Braga nas palestras do botequim e nas cavaqueiras do Gremio.

A' força de ouvir aquelles dois nomes sinistros, como Sédan e Strasburgo, que por si sós significam combates ruidosamente feridos, luctas gigantescas e tremendas, vociferações satanicas e medonhas, a gente chega a balbucial-os á noite, em sonhos agitados, entrevendo a visão vingadora do Marquez, de gladio na dextra, e bacamarte escorvado na sinistra, a ranger a dentadura amarella diante de José Borges, o mais implacavel dos seus inimigos.

Para qualquer lado que nos voltemos... Braga. Em cada som que nos chega ao ouvi-

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

do... Braga. No pregão da garotada descalça, que vende por essas ruas o *Diario de Noticias*... Braga. Por toda a parte o nome da *sancta civitas*, transformada pelos ultimos acontecimentos em cidade maldita, n'uma especie de Gomorrha destruida pelo fogo do Ceu e pelas travessuras do sr. bailio.

Levados no pendor das nossas crendices optimistas, chegámos a imaginar que, depois do sr. Peito haver tomado a questão de Braga a *appellido*, e do governo ter *desbragado* o nobre marquez, segundo a phrase felicissima d'um gazetilheiro espirituoso, os successos minhotos caminhariam para um epilogo pacifico, como acontecera com o litigio das Carolinas, com o conflicto dos Balkans, como tantos outros prelios de caracter mais grave e assustador.

A contenda do Norte não tinha, para nós, o aspecto d'uma questão internacional, nem nos parecia que Braga podesse ser considerada como potencia de primeira ordem, capaz de metter medo ao fidalgo de Malta e aos bons burguezes de Guimarães.

Por fim de contas, enganámo-nos redondamente.

O conflicto é mais serio do que na nossa ingenuidade lôrpa suppozeramos, e não se resolverá sem que Bismarck intervenha, sem que um areopago europeu, composto de todas as summidades diplomaticas, se reuna.

Para serenar os animos minhotos, não basta que o sr. Peito de Carvalho tomasse o negocio a *appellido* e que o Marquez esteja completamente *desbragado*. E' precisa a intervenção do grande chanceller de ferro; é mistor ouvir a voz authorisada do barão de Giers, os conselhos sensatos de Gladstone e de Salisbury, o voto de todos os estadistas illustres da Europa. Hão de fallar as potencias, ha de ser ouvida a Allemanha e a Austria, e só assim os servios de Braga e os bulgaros de Guimarães virão a estreitar-se n'um fraternal abraço de paz e de concordia.

Antes d'isso, por mais que se faça, não ficará restabelecido no Minho o *statu quo ante*.

Ha quem pretenda ver, n'esta agitação do Norte e em muitos outros factos que por ahi prendem as attenções populares, a influencia malefica dos planetas Venus, Marte, Jupiter e Saturno, reunidos, por um capricho do Creador, sobre o nosso horisonte, desde o inverno até aos primeiros assomos da primavera gentil. Parece que o encontro de Marte com Venus, realisado de trinta em trinta e dois annos, produz sempre d'estas perturbações extraordinarias, traz sempre comsigo uma grande copia d'estes acontecimentos monstruosos e desusados.

Seja pelo que fôr, influa ou não o *rendez-vous* periodico d'aquelles dois planetas nas coisas terrestres, o certo é que os horisontes andam anuveados d'um modo estranho, que aos fremitos da procella braccarense respondem assasinios em Valpassos; desordens em Villarandello; infanticidios brutaes em Lisboa; tempestades de neve em Villa Real, Lamego e Ponte de Lima; inundações, trovoadas e incendios no Porto; desastres e desgraças por toda a parte.

Ao mesmo tempo que os facciosismos da politica egoista e imbecil agitam as massas no Minho e cavam sepulturas ás suas victimas exsangues, o raio exterminador devasta, n'um abrir e fechar d'olhos, fabricas colossaes do Douro, onde havia movimento e vida, onde ha pouco resoavam alegres os canticos do trabalho, vibrando por entre o tilintar compassado das machinas ruidosas.

Emquanto as montanhas de Traz-os-Montes se cobrem d'uma grande mortalha alvacenta de neve, em Lisboa, no coração da pacata cidade burgueza, apparece-nos uma femea de vinte annos, cuja alma se cobrio de todas as podridões do monturo e de todas as negruras da malvadez mais requintada, a esquartejar cynicamente, friamente um pequenino ser que nas proprias entranhas se lhe gerára, arremessando-o em seguida, sem um remorso, sem uma lagrima, para a profundeza dos canos d'exgoto, d'onde as justiças o foram arrancar, hediondo e sangrento, com o craneo, mal definido, a boiar á superficie da vasa, e o coraçãosito, quasi invisivel, a fallar de perdão e d'amor á mãe descaroada, como aquelle coração materno, da balada da *Glu*, que

> ...ao ver o assassino erguer-se apoz a queda,
> o crime horrendo esquece, e manso lhe segr da:
> —magoaste te, meu filho?

Não nos consta, porém, que estes desatinos provocados pela influencia damninha de Marte e Venus,—se é que elles os provocam,—tenham sustado o curso alegre das diversões lisboetas. O mundo elegante continua a distrahir-se conforme pode. Mario, o menestrel da *Ignota Dea*, vae cantando a Avenida no *Diario Illustrado*. Os *dilettanti* de S. Carlos divinisam o inimitavel Masini, na *Lucrecia*, e levantam altares á famosa Schalchi Lolli, na *Semiramis*. As *soirées* dos Caetanos e da Legação da Allemanha deixam de si um arruido estonteador e recordações inextinguiveis. Nos *five ó clock thea* das viscondessas patricias e das ministras britannicas vibram risadinhas crystallinas, denunciadoras d'uma doce alegria communicativa.

Toda a *haute gomme* se diverte. Toda a gente *pschutt* rejubila. Todos os salões de Lisboa se illuminam festivamente. Todos os theatros se enchem.

O Colyseo continua a dar-nos os trabalhos phenomenaes do seu ventriloquo Leo e as desenvolturas elegantes da sua Elvira Guerra. Diante d'uns e d'outras, a politica esquece os successos de Braga para soltar uma gargalhada nas bochechas dos manequins americanos ou para morder com olhares demorados a cintura franzina da gentil *ecuyére* italiana.

O theatro da rua Nova da Palma brinda-nos com o *Grande Galeoto*, uma formosissima joia em bella prosa portugueza, moldada sobre um mimo poetico de José Echegaray.

O Gymnasio serve-nos, de quando em quando, um gracioso idyllio, em versos esmeradamente burilados, que a Providencia enviou ali, para amenisar a semsaboria das suas traducções indigestas.

S. Carlos desenrola diante de nós um mundo de *attractions* encantadoras e de maravilhas lyricas a que não andavamos acostumados.

Por cima de tudo isto, um benemerito de Portel annuncia para o *Conimbricense* que as andorinhas chegaram já aquella villa, trazendo sob as azas a doce e casta Primavera.

No goso pleno de tantos passatempos, e na risonha espectativa da rapida desapparição do inverno, digam-nos como é que nós podemos crer na influencia perniciosa de todos os planetas juntos, e prestar ouvidos aos formidaveis escandalos, cuja narrativa as *Novidades* nos promettem, em normando?

Fóra dos dominios do theatro, da agitação da politica, e da vida fremente e buliçosa dos salões, nada. Apenas sabemos, — e já quizemos dizer-t'o ha oito dias — que chegou Jayme de Séguier e que partio o Principe real.

Aquelle, minado pela negra nostalgia da terra onde enramilhetou as primeiras chronicas, vem apresentar-nos um delicioso bébé *rose*, que lhe chama papá com todas as lettras.

O Principe real, esse foi, longe da patria, em busca d'uma noiva gentil, e parece que a encontrou já, formosissima e rica, no dizer dos alviçareiros.

Se as andorinhas já voltaram, e a primavera está a bater-nos á porta!...

CASIMIRO DANTAS.

TRAGEDIA INFANTIL

III

OS DOIS

Uma vez, todo offegante
Andava pelo j rdim,
Ruidoso como um gigante
E alegre como um clarim,

A erguer co'as mãos pequeninas
A obra do mundo inteiro:
Roma das sete colinas
Debaixo d'um jasmineiro.

Com lodo d'um charco immundo
E agulhas dos pinheiraes
Eleva ao azul profundo
As torres das cathedraes.

Acolá, d'um modo vago,
Marca o logar d'um kiosque;
D'uma concha faz um lago,
E com tres ervas um bosque.

Arroja a locomotiva
Por essas campinas fóra.
Cae-lhe o suor da fronte altiva,
Como o orvalho cáe da aurora.

Ergue palacios, basares,
Pontes, muralhas, viaductos.
As florestas seculares
Arranja-as em dois minutos.

Ora inventa, ora destroe,
E' um architecto e um guerreiro;
Brilhante como um heroe
E sujo como um pedreiro.

Faz nas formigas destrôço,
Como os inglezes nos chins:
A Rhodes tira o colosso
E a Babilonia os jardins.

Lança o Pellion sobre o Ossa;
Põe-lhe em cima um catavento;
Qualquer noz é uma carroça,
E qualquer mosca um jumento.

Nenhum obstaculo o affronta;
Não vacilla, não desmaia;
Com um lapis já sem ponta
Abre um tunel no Himalaia.

Alinha, mede, gradua
Vallados para as sementes:
Os alviões e a charrua
São tres palitos dos dentes.

N'aquelle olhar que governa
Brilha o fulgor das espadas;
Deem-lhe a hydra de Lerna,
Que a vae matar... ás dentadas!

Com todas as qualidades
Da *menagere* exemplar,
Em quanto o irmão faz cidades,
Bébé prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé d'ella,
No berço. De quando em quando
Bébé escuma a panella,
Que está fervendo e cantando.

Mexe o guisado e a fritura,
Vê se tem o sal bastante,
E sentando-se á costura
Com um ar meigo, radiante,

Emquanto a creança loira
Dorme o bom somno florido,
Co'a illusão d'uma tesoira
Talha a illusão d'um vestido.

Mas são horas; o irmãosito
Já deve de andar cansado
Das construcções de granito
E da rabiça do arado;

Mimi em poucos instantes
Acordará com certeza;
E' necessario quanto antes
Ir pondo o jantar na mesa.

Vêde: que riqueza aquella,
Que Trimalcião infantil!
Ha na marca da baixella
A assignatura de Abril.

Nunca loiça tão preciosa
Vio mesas de embaixadores:
Os pratos—folhas de rosa,
E os copos—urnas de flores.

Tem a opulencia excessiva
D'uma saturnal pagã:
Só para cada conviva
Quatro bagos de romã!

(*Continúa*). GUERRA JUNQUEIRO

HISTORIA DA LEGIÃO PORTUGUEZA

A CAMPANHA DE 1813

Estava desfeita a Legião, e desfeita para nunca mais se reconstituir. O fim da historia da legião portugueza tem de ser quasi apenas a historia individual de Gomes Freire e do seu estado-maior. E' certo que Napoleão que ia pedir á França as ultimas gotas do seu generoso sangue, quiz ainda aproveitar as debeis reliquias d'esse malfadado exercito portuguez, que elle condemnára a seguil-o na sua marcha devastadora e fatal, mas os homens de infanteria, que sobreviveram ao grande desastre, dispersou-os pelos regimentos do grande exercito, e com os soldados de cavallaria, que ainda se encontravam no deposito de Grenoble, formou um esquadrão de cem homens, commandado pelo capitão José Garcez Pinto Madureira, que teve um destino infeliz. Recebeu ordem para se ir juntar ao grande exercito, devendo atravessar o Elba em Torgau, mas foi surprehendido por um corpo de cossacos junto de Halle, e destroçado completamente, ficando mortos alguns, feridos e prisioneiros os outros. Theotonio Banha foi encontrar em Leipsick tres caçadores portuguezes, unicos talvez que tinham escapado ao desastre.

Gomes Freire, de quem Theotonio Banha estava sendo ajudante de ordens, juntou-se a 17 de abril de 1813 ao estado maior de Napoleão, que n'esse dia chegára a Francfort, e acompanhou-o até Bautzen, onde o grande general ganhou a primeira das tres grandes victorias, que precederam para elle o terrivel desastre de Leipsick.

Emquanto Napoleão ia ganhar a batalha de Bautzen, recebia Gomes Freire o commando de Iena, onde poude apreciar a intensidade do movimento, que se pronunciava então em Allemanha, como cinco annos antes se pronunciára em Hespanha e em Portugal, e que fazia d'essa guerra uma guerra verdadeiramente popular. Um corpo franco de mil e seiscentos academicos prussianos tentou assenhorear-se da cidade, mas Gomes Freire tomára cautellosamente as suas precauções, e os academicos, depois de perderem um piquete de doze homens, que tentou fazer um reconhecimento, e que ficou todo prisioneiro do general portuguez, não renovaram as suas tentativas. Estavam porém, por tal fórma ardentes na lucta, que não quizeram reconhecer um armisticio que se assignára depois da batalha de Bautzen. Gomes Freire quiz-lhes fazer pagar a teima; mas elles estavam tambem acautellados, e Gomes Freire, dispondo apenas de uns 200 lanceiros, não quiz tentar um ataque, a não ser por surpreza.

O modo habil como elle exercera o seu pequeno commando foi devidamente apreciado por Napoleão, que lhe deu logo em seguida o commando muito mais importante de Dresde.

Era n'esta cidade, effectivamente, que Napoleão concentrava as suas forças, e o cargo de commandante da praça era o mais importante que n'essa occasião se podia dar a um general que não estivesse commandando alguma divisão ou algum corpo de exercito. Gomes Freire rodeiou-se de officiaes portuguezes, juntando aos que já tinha, o chefe de esquadrão Achilles Pereira, que fez seu chefe de estado maior, e o capitão Luiz Mendes de Vasconcellos, que fez seu primeiro ajudante de campo.

Em Dresde se celebraram, durante o armisticio, esplendidas festas em honra do anniversario de Napoleão, e tão habituados estavam já todos, n'essa epoca agitada e convulsa, aos lances terriveis da guerra, que essas festas se celebravam com tanto jubilo, como se não succedessem a dias de luto e de tristeza, e como se não devessem preceder outros dias não menos terriveis.

Vieram os actores de Paris representar no theatro de Dresde, como tinham representado seis annos antes em Erfurth, diante de uma côrte de imperadores e reis. Era menos brilhante agora a platéa, mas a esperança voltára a todos os corações francezes, e os generaes, que substituiam nas cadeiras os reis e principes, que estavam agora no campo inimigo, ainda esperavam que a estrella de Napoleão, que se offuscára momentaneamente na retirada da Russia, tornaria a resplandecer no céu da Allemanha.

Houve os grandes jantares militares, semelhantes áquelles a que a legião portugueza já assistira em Paris; mas tristes refle

xões deviam saltear o animo dos Portuguezes sobreviventes, quando se lembrassem da festa a que tinham assistido tres annos antes na capital do vasto imperio francez. O que era feito d'esses magnificos regimentos portuguezes, que tinham partilhado com a guarda imperial a honra de fazer a guarnição de Paris n'esses dias de triumpho? Jaziam dispersos nos campos gelados da Russia, centos de soldados e de officiaes mortos e servindo de repasto aos corvos de Mojaisk, dezenas de outros arrastando uma vida lugubre e terrivel nos desertos da Siberia!

A impressão para os Portuguezes devia ser mais sinistra do que para os Francezes. A guarda imperial, que jantára com elles, estava agora, é certo, completamente renovada, mas os regimentos permaneciam agrupados em torno das suas velhas bandeiras; os nossos pobres regimentos esses anniquilára-os o sopro gelado do inverno moscovita, e, não podendo renovar os seus quadros, tinham desapparecido completamente, com as suas pobres bandeiras, que não eram as bandeiras portuguezas, mas que emfim, se não eram o symbolo da patria ausente, eram o symbolo da fraternidade e da solidariedade dos soldados portuguezes no exilio.

Terminados os banquetes, as festas continuaram; houve passeio fluvial no Elba, a que assistiram alegremente, ou em que tomaram parte as damas saxonias, e fogos de artificio, para que contribuiam os proprios regimentos, despedindo das espingardas, cuja polvora estava convenientemente preparada, em vez de balas mortiferas, fogos de mil côres.

Terminou pouco depois o armisticio, e Gomes Freire foi talvez o primeiro general do grande exercito a ter noticia da terrivel desgraça que ia fulminar Napoleão e tirar-lhe toda a esperança de triumpho. A Prussia, que fôra sua alliada contra os Russos, abandonára-o, e Napoleão devia esperal-o. Contava porém com a alliança da Austria, cujo imperador era seu sogro, cuja attitude dubia porém o inquietára durante o armisticio. Suppunha que o não teria por alliado, mas não esperava de forma alguma que elle se juntasse aos seus inimigos.

Comtudo, a 21 de agosto, pelas 4 ou 5 horas da tarde, vieram apresentar-se a Gomes Freire uns poucos de soldados do batalhão francez que fazia a guarnição de Pirna, e que fôra surprehendido e acutilado pela cavallaria austriaca. Os cinco soldados, que se apresentavam a Gomes Freire, vinham feridos, mas tinham escapado a muito custo á sorte dos seus camaradas, que a cavallaria austriaca aprisionára.

Gomes Freire achava-se em posição melindrosa. Dresde não se achava em estado de se defender contra todo o exercito austriaco, e esse exercito, de um momento para o outro, podia apparecer diante da cidade.

Sem se desconcertar comtudo, tomou todas as medidas para fazer uma resistencia honrosa, e prevenir Napoleão. Com a rapidez com que tomava todas as deliberações, Napoleão voltou a Dresde, e, dias depois, travava-se alli a grande batalha, que foi a terceira victoria do grande imperador n'essa fatal campanha, em que bastou o desastre de Leipsick para inutilisar todos os triumphos anteriores.

Gomes Freire, com o seu estado-maior, assistia do cimo de uma torre á formidavel batalha, que se desenrolou em torno da cidade. D'alli poude ver, com o seu oculo de campanha, um grupo brilhante, em que estavam o imperador da Russia, o rei da Prussia. e o general francez Moreau, antigo rival de Napoleão. D'alli poude vêr a confusão que n'esse grupo se manifestou, quando uma bala de artilharia caio no meio d'elle, ferindo algum personagem importante. Fôra o general Moreau, que uma bala franceza executára.

Em seguida Napoleão saio de Dresde, mas deixou na cidade um corpo de exercito de 20:000 infantes e 4:000 cavallos, cujo commando entregou ao marechal Gouvion de Saint-Cyr, junto do qual continuou a servir Gomes Freire de Andrade com o seu estado-maior portuguez.

No dia 1 de outubro saio Napoleão, e logo no dia 5 appareceram forças russas e austriacas a ameaçarem a cidade, Gouvion de Saint-Cyr repellio-as; ellas porém, retirando-se para fóra do alcance da artilharia franceza, continuaram em observação.

Não havia noticias; no dia 28 entraram na praça alguns soldados saxonios desarmados, que deram as primeiras informações a respeito do grande desastre. Vieram depois, successivamente, esclarecimentos mais circumstanciados. Napoleão fôra batido n'uma terrivel batalha de tres dias, junto de Leipsick. Tinham-n'o abandonado os batalhões wurtemberguezes e parte dos batalhões saxonios. Os bavaros tinham-se unido aos austriacos, e ameaçavam cortar-lhe a retirada. Bernadotte, o antigo marechal do imperio, agora principe real da Suecia estava dirigindo as manobras dos alliados. A situação era de novo terrivel paro a França.

As forças sitiadoras de Dresde avolumavam-se; Gouvion de Saint-Cyr e os seus generaes percebiam o desespero da sua situação, mas resolviam resistir heroicamente, como se a cada instante esperassem soccorro.

Ia começar o cerco de Dresde.

PINHEIRO CHAGAS.

D. MARIA DE LARA E MENEZES

(CONCLUSÃO)

Voltemos agora atraz, a encontrar o termo da lua mel dos dois amantes, que coincide com o casamento do duque de Bragança com D. Luiza de Gusmão, em 1633, que por motivos que me não cumpre agora averiguar, depois de haver agasalhado D. Maria de Lara com affectos de irmã, e primores de princeza, entendeu dever fazer reparo nos amores de seu cunhado, forçando este a ausentar-se dos paços ducaes para a quinta denominada dos «Peixinhos» que era propriedade de Francisco de Lucena, seu confidente e amigo, e onde D. Maria de Lara deu á luz um filho, que foi confiado aos cuidados de seu aio, Heitor de Figueiredo, indo residir para Rio de Moinhos, comarca de Vizeu.

Um historiador cautelloso, senão cortesão, vendido ás conveniencias politicas da dynastia bragantina, de que se fizera nucleo D. Luiza de Gusmão, attribuiu com apparente ingenuidade a desharmonia entre os dois irmãos:—«a ter-se D. Duarte avesado a todo o affecto do duque seu irmão, entendendo que lhe faltava o empregado na esposa; e esta, ciosa da pequena particula consagrada ao irmão, e por isso tratando de affastal-o do lado do esposo.»

Esta banalidade não merece refutação, nem a outra com que um qualificado genealogista (h) e com elles outros historiadores, faltando scientemente á verdade, attribuiram o resfriamento das relações fraternas a olhar o infante D. Duarte—«reprehensivamente, para uma creada menor da sua familia!»

A villania aqui corre parêlhas com o absurdo da affirmativa. D. Maria de Lara, a «Peregrina» parenta proxima dos duques de Caminha e de Villa Real, prima ainda do proprio duque de Bragança, a poetisa amoravel e amorosa, alcunhada de creada menor de um paço ainda não real, e que a sêl-o já, ainda assim não podia assoberbar os pergaminhos dos Menezes, de quem D. Maria de Lara descendia.

A suspeita que eu ouso pela primeira vez trazer a publico, sem documento em que a estribe, é haver sido D. Luiza de Gusmão ciosa, não dos carinhos de seu marido, mas sim da incomparavel belleza de D. Maria de Lara, que, segundo dizem os livros, ella pretendia casar em Hespanha, para se livrar, talvez, de um confronto que a molestava.

Hoje, na impossibilidade absoluta de apurar episodios que a malevolencia deturpou, apesar do acaso se haver encarregado de esclarecer os pontos capitaes d'esta por tanto tempo obscura historia, dos amores do infante D. Duarte e de D. Maria de Lara, só me cumpre respeitar n'esta os seus titulos nobiliarios, que se prendem com a romanesca vida de seu marido, e para o assumpto de que trato, com o livro das *«Saudades de D. Ignez de Castro»* e o complemento que lhe anda obrigado, das *«Saudades de D. Maria de Lara e Menezes»* que ella modestamente acolheu á sombra de mais ruidosos e conhecidos infortunios.

Uma romaria a Nossa Senhora de Guadalupe, foi o pretexto que o infante D. Duarte tomou para se ausentar do reino, em 1634, indo pôr a sua valente espada ao serviço do imperador d'Austria, e accudindo no mesmo anno aos apertos em que se via o rei da Hungria, começando desde logo a sua reputação de habilissimo general, que conservou em conflictos posteriores áquelle em que tão brilhantemente se estreiára. (i)

Em 1638 veio o infante D. Duarte ao reino, demorando-se em Portugal apenas dois mezes incompletos, indo residir com sua esposa nas casas da Cotovia, antes de novamente voltar para a Allemanha, onde, em paga dos seus serviços, devia ser encarcerado até o fim da vida, que ainda se lhe prolongou por oito annos de vexações e martyrios.

A este tempo, como se vê da carta a que mais atraz alludi, já D. Maria de Lara havia escripto as *«Saudades de D. Ignez de Castro»* da amante:

> Em cujas prendas não tiveram parte
> Artefícios de industria, invenções d'arte.

(h) D. Antonio Caetano de Sousa—«Historia Genealogica da Casa Real.»

(i) «D. Duarte fallava expedita e correntemente o francez, o hespanhol, e o italiano, e a sua presença nobre e agradavel ainda fazia realçar as prendas do espirito. Humano e cortez, sabia mandar e obedecer, alcançando ser temido e estimado ao mesmo tempo. Nos exercitos do imperador sobresahiu por estas qualidades. Piedoso sem fanatismo, e valente sem ruido, esteve presente em todas as occasiões da longa e assoladora guerra denominada dos trinta annos, que o grande Schiller nos deixou retratada em tão perfeito quadro.

D. Duarte pelejou na Pomerania e na Saxonia, e distinguiu-se na jornada de Bristoch, subindo postos e grangeando honras. Coronel do regimento da Banda Negra, e depois general d'artilheria, patente muito elevada nas preeminencias, conciliou a severidade com a brandura, suavisando aos povos os rigores das armas. Escrevendo de seu punho ao duque D. João (em 18 de maio de 1635) o imperador Francisco II exaltou os feitos do infante, e, em março de 1638, Fernando III, seu successor, não empregou phrases menos lisonjeiras, concedendo-lhe licença para vir a Portugal.

— Rebello da Silva—H. de Portugal, nos seculos XVII e XVIII

GERVASIO LOBATO

MACEDO PAPANÇA

E que, fallando pela bocca de quem tão deveras lhe deveria ter comprehendido as magoas, dizia:

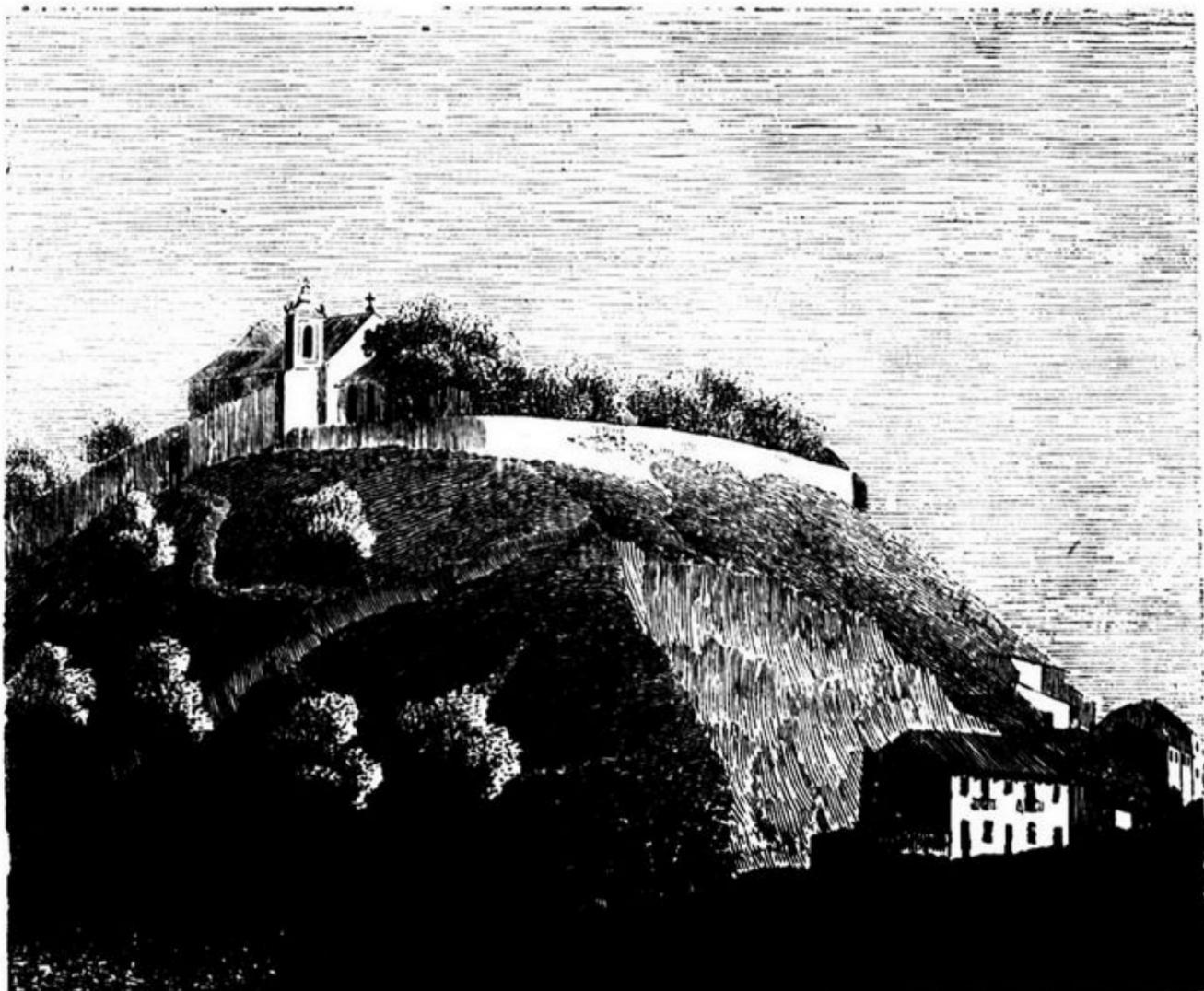
> Ai! quem cuidara, amor, que meus amores
> Fossem fingidas sombras mentirosas?
> Ai! quem cuidara, amor, que em teus favores
> Fossem mais os espinhos do que as rosas.

Sentida apostrophe, que D. Maria de Lara attribuia áquella:

> Que depois de ser morta foi rainha.

como que ambicionando para si, não as honras posthumas da realeza, mas os lacerantes espinhos de saudades não menos fundas e prolongadas.

A chegada do infante D. Duarte á Allemanha coincidio em curto intervallo com a patriotica revolução de 1640, e com a acclamação do duque de Bragança, D. João, como rei de Portugal.

E' longa a historia das maquinações diplomaticas empregadas, quer pela côrte portugueza para avisar o infante do que se passava no reino, quer pelas côrtes estrangeiras, influenciadas pela de Madrid, para arredar da scena politica um homem de inquestionavel valia e importancia, dividindo-se as opiniões dos historiadores, todas conjecturaes, sobre as causas que vieram a dar em resultado a prisão arbitraria do infante, e a larga serie

LISBOA—NOSSA SENHORA DO MONTE

de humilhações por que o fizeram passar até 1649, em que, com a morte, teve fim o seu iniquo e acerbo martyrio.

Dizem uns que D. João IV chegára a offerecer quatrocentos mil cruzados pelo resgate do irmão; affirmam outros que a prisão do infante, em vez de prejudicar, favorecêra a conservação do reino, porque, sendo a sua indole caprichosa e o seu caracter demasiado altivo e ostentoso, mal chegariam os cabedaes do paiz para lhe sustentar o fausto.

Parece que durante a prisão do infante, de quem nunca mais houve noticia directa, a não ser por uma unica carta dirigida ao irmão, em que lhe recommendava o futuro do filho que houvera de D. Maria de Lara, esta se recolhêra ao convento de Santos, onde escreveu as suas «*Saudades,*» e as oitavas intituladas «*Assistencia da côrte e seus encommodos*» bem como as outras já inspiradas de um suave mysticismo *A' variedade do mundo* e *A' inconstancia dos bens terrenos*, e as em que glosou o formoso soneto de Camões, que principia:

Horas breves do meu contentamento.

Os titulos d'estas poesias já são de si denuncia dos intimos soffrimentos de D. Maria de Lara, ainda fortificados com transparentes allusões ao seu estado presente, e ás risonhas esperanças do seu passado, que ella via perdidas para sempre, com a dolorosa viagem para o carcere, que ia ser sepulchro de seu marido, d'aquelle gentil mancebo que a cortejára quando ella merecia dos seus contemporaneos a justiça de a denominarem a *Peregrina*, epitheto ainda até então justificado por uns olhos que nunca tinham chorado, e que tantas lagrimas vieram a chorar depois!

Foi de certo meditando na instabilidade dos bens terrenos, que a reclusa do mosteiro de Santos escreveu:

Por culpa sua só, morre e padece
Quem quer que as armas deu ao inimigo
Bem mostra que seu mal não aborrece.
Quem d'este mesmo mal ama o perigo;
Pois logo se a rasão isto conhece,
Justo tormento foi, justo castigo,
Que tudo me levasse o leve vento
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Ninguem, ao lêr esta e outras estrophes, que já muito dizem da valia litteraria de D. Maria de Lara, poderá deixar de lastimar a mulher formosissima e cheia de talento, por quem tão rapidamente passaram as illusões da mocidade, para se vêr casada e sem marido; mulher de um infante, e sem posição reconhecida nos paços reaes; mãe de um filho, em vesperas da orphandade, reclusa n'um convento ainda no vigor da edade, e fazendo, a pedido de uma devota, a «Descripção das virtudes e dos vicios para se conhecer claramente quanto se devem amar aquelles, e fugir d'estes pelas suas qualidades!»

Pelo pouco que aind'agora se sabe da vida intima de D. Maria de Lara, devo suspeitar que ella nunca viveu propriamente na côrte, a não se querer dar este nome ás sumptuosidades do palacio ducal de Villa Viçosa, que a poetisa das *Saudades*, conhecera na primavera de seus annos, quando andava embebida

N'aquelle engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito...

que lhe não dava tempo para enlêvos nem contemplações da natureza, quanto mais para o estudo das refalsadas lisonjas de cortezãos.

A pintura que D. Maria de Lara fez dos «Encommodos e da assistencia da côrte», adivinhou-os ella, ou dos seus proprios desenganos os copiou, o que lhes não tira o cunho da amarga verdade que os caracterisa.

Veja-se:

Diga a côrte do monte o bem que ha n'elle,
Diga o monte da côrte o mal que ha n'ella,
Porque é regra directa de amisade
Que pague uma verdade outra verdade.

As verdades que o monte diz da côrte, são d'esta duresa:

.... que na côrte
De palavras se faz rica almoeda
Que deixam pobres sempre os compradores.

E accrescenta que é tambem na côrte,

.........onde repousa a esperança
A' sombra da infamia e da deshonra.

E mais ainda: que é tambem lá que

O fim da pretenção é duvidoso
E o trabalho d'ella sempre certo.

E por fim, que é na côrte,

.... onde se vê com liberdade
Andar todos os doidos desatados.

Ennumeradas estas, e outras verdades que o «monte» diz á «côrte» ou antes que D. Maria de Lara apurou por experiencia propria do trato com os cortezãos, conclue assim:

A terra em que repouso, em que descanço,
Na qual livres cuidados apascento,
Cento me dá por um que n'ella lanço,
A côrte dá-vos um lançais-lhe cento;
Compra-se cá com gosto o que é descanço,
Compraes lá com desgosto o que é tormento,
O bem que tem o monte nunca o nega,
O mal que tem a côrte sempre chega.

O romance que vimos nascer em Villa Viçosa, nos jardins do palacio ducal, caminha para o seu desenlace, que o é tambem de todas as grandezas mundanas.

A *Peregrina*, que o era d'alma e de corpo, ia-se chegando ao termo fatal da sua poetica e attribulada existencia, sabendo apenas parte das lentas agonias por que D. Duarte estava passando no castello da Roquetta, em Milão.

Em uma carta do doutor Navarro, um dos verdugos do infante, para o ministro castelhano, lê-se, entre outras, esta selvatica ironia:—«*la cadena se le ofrició por la ventana de la guarda secreta, a la mano, ó al pie, a su eleicion, escogió la mano; todo en el son desvanecimentos.*»

D. Maria de Lara morreu a 23 de junho de 1649, setenta e dois dias contados antes da morte de seu marido, tendo apenas 39 annos de edade, menos cinco que o infante D. Duarte, que morreu de quarenta e quatro.

Em uma carta do duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, para o marquez de Montebello, datada de setembro de 1670, apenas 21 annos depois da morte do infante, lê se: —«*Grande desgraça e bem conhecida tyrania, morrer tão grande heroe, o Senhor Infante D Duarte de modo que me relatou em sua carta, que já vejo foi motivo de grande paixão e pena que tomou de sua mulher a Senhora D. Infanta D. Maria de Lara, que, por mais que não queiram é infanta.*»

Esta carta do duque de Cadaval suscita uma serie de duvidas e de interrogações, que confesso não saber conciliar entre si. N'ella dá o duque a entender que o marquez de Montebello lhe affirmára ter o infante D. Duarte morrido—«da grande paixão e pena que tomára de sua mulher» o que contradiz a versão de haver esta fallecido setenta e dois dias antes do infante D. Duarte.

Mas o que me presta e serve da carta do duque de Cadaval é o tratamento de infanta que n'ella dá a D. Maria de Lara, que «por mais que não queiram é infanta», affirma um tão proximo parante da casa de Bragança, como era o duque de Cadaval.

Por detraz do romance amoroso que deixei esboçado, outro começa desde logo na descendencia do infante D. Duarte e D. Maria de Lara, apesar de legitimação de seu filho D. Manuel, e das cartas de doação, graças e mercês que a este foram concedidas por D. Affonso VI e D. Pedro II, seus primos, que ficaram sempre ignoradas do interessado, ao que parece, apesar dos esforços empregados para os tornar conhecidas por algumas pessoas da côrte, taes como foram o arcebispo d'Evora, D. Rodrigo, o cardeal D. Luiz de Sousa, e o proprio poderoso e respeitado duque de Cadaval.

Em uma nota á informação que o Rei d'Armas Portugal deu a D. Pedro II, sobre as armas que pertenciam a D. Manuel, filho de D. Maria de Lara, affirma Moreira (j) que os descendentes de tão nobre estirpe vieram a confundir-se miseravelmente com a plebe, chegando um dos seus bisnetos, Francisco Xavier Paes, a exercer a profissão de pintor na freguezia de S. Nicolau, da cidade de Lisboa, no anno de 1724, data muito posterior ás das Cartas regias de D. Affonso VI e de D. Pedro II.

Como mulher de levantado espirito que foi, D. Maria de Lara parecia receiar-se já pelos futuros destinos do seu descendente, quando em carta escripta a D. Duarte, em 1635, em que falla, invocando o soneto de Camões,

D'aquelle que causou seu perdimento»

E se desculpa com o mesmo soneto, dizendo, que ninguem pode,

«Fugir do que lhe ordena a sua estrella

e acrescenta em prosa: «*Para o que deve advertir o tratamento que me põem, porque, ficando em vozes, não é por nenhum, e é preciso; porque d'outra sorte matam os espinhos de quem sam, como descendente d'aquelles de que falla Camões, no soneto VI das suas rimas.*

Illustre e digno ramo dos Menezes

Em seguida, a tentadora intercede pelo filho, que deseja vêr

(j) O colleccionador dos documentos annexos ao tomo IV da «Historia de Portugal» de Schaefer, a que já me referi em outro logar.

UMA PATUSCADA

amparado do poder paterno, *«porque só assim poderá haver o tratamento que deseja,»* emquanto a si se contenta de *«haver do amor puro uma Excellencia, attendendo d'onde lhe fazem sua ventura.*

Se a orgulhosa D. Maria de Lara suspeitasse que seu filho, por timidez de caracter, havia mais tarde «confessar com as lagrimas nos olhos» que se envergonhava de se manifestar como tal, depois da catastrophe dos duques de Caminha, seus parentes, e do modo por que a sorte perseguira seus paes, o senhor infante D. Duarte, e a serenissima senhora D. Maria de Lara (k) mais breve teria sido a existencia d'esta, ao vêr-se assim renegada por aquelle a quem dera o ser, e que devêra respeital-a na sua dupla qualidade de mulher superior pelo talento e pelo nascimento ao commum do seu sexo, e de mãe amantissima e purificada pelas lagrimas de arrependimento dadas, não ao amor de que se ufanava, mas ás desventuras d'aquelle a quem entregára o coração, que outros, que tantos ambicionariam por seu.

Para não entrecortar com citações parciaes o poema das *«Saudades de D. Ignez de Castro»* reproduzo na integra a glosa ao mote:

«Chorae sem descançar, olhos cançados»

que faz parte do livro das *«Saudades»* de D. Maria de Lara (l) e em que ella accusa os seus olhos,—«do mal de que padece, e do perdão que busca e quer, descida já dos seus altos pensamentos, a estado humilde, duro e fero, e impondo aos culpados as lagrimas que tão deveras chora.»

Se D. Maria de Lara e Menezes, a «PEREGRINA», não foi uma verdadeira poetisa, não sei a quem do seu sexo se possa com mais justiça applicar tão honrosa qualificação.

L. A. PALMEIRIM.

(k) Isto lê-se no § 3.º da «Noticia» de Felix Machado de Mendonça Eça e Castro, escripta por ordem do duque de Cadaval.

(l) As estrophes a que me referi serão opportunamente publicadas no livro ácerca das «Escriptoras Portuguezes.»

DEUS!

Quando, pela manhã, cantam os passarinhos
Saudando alegremente o sol, o rei do dia,
E fogem mansamente as rôlas dos seus ninhos,
Soltando para o ar arrulhos d'alegria;

Quando, pela manhã, na densa ramaria
S'escuta o chilrear das loucas andorinhas,
E salta doidamente a mansa cotovia,
E brincam no quinteiro as loiras creancinhas;

Quando, pela manhã, o murmurar da nóra
Annuncia que além já rompe a luz d'aurora
Rasgando do horisonte os infinitos veos,

Eu deixo a fronte então pender languidamente,
E fico-me a pensar n'este mundo demente,
Que renega, e não crê na existencia de Deus!...

Porto. M. OSORIO.

BALZAC NA INTIMIDADE

Raros escriptores possuem, como Balzac, o maravilhoso poder de sobreviverem á sua epoca e de permanecerem no zenith da gloria, por entre a successão do tempo, que derruba sem cessar todos os pedestaes, e por entre as evoluções do gosto, que desthronam, sem hesitar, todos os idolos.

Balzac, porém, era dotado da exuberante vitalidade que se impõe, triumphante, acima das questões de momento, e que desafia, invulneravel, os caprichos da moda, as correntes da opinião, as preoccupações, mais ou menos convencionaes, de escolas e de systemas.

A Comedia humana é a alma do naturalismo, librando-se, consciente e harmonica e deixando-se analysar e comprehender no seu mechanismo psychologico, nas dolorosas realidades do seu fatalismo atavico, nas tempestuosas lutas do seu subjectivismo humano.

O naturalismo de Zola não fez mais do que seguir na sombra o corpo d'essa alma, que Balzac patenteara em plena luz.

A phisiologia, com todas as suas brutaes evidencias, succedeu á psychologia, com todas as suas mysteriosas affinidades.

O seculo XIX, devorado pela febre de investigar, de analysar, de desnudar, de substituir os ideaes intangiveis pelas realidades palpaveis, recebeu como uma causa o que não era mais do que um effeito.

Zola foi proclamado innovador, como se Balzac não houvesse sido o precursor.

O primeiro lançou os alicerces e levantou sobre elles o seu vasto poema humano, soberbamente delineado.

O segundo, limitando a sua forma de ver e reproduzir a uma estreita área, restringida ao convencionalismo de uma formula positiva como uma preposição algebrica, entendeu que só poderia construir começando por derrubar.

A verdade humana attraira-os a ambos: a differença, porém, que separa a obra de Balzac da obra de Zola, é que o primeiro viu o homem e a existencia real atravez da sua fantasia de poeta, e que o segundo viu-os atravez do seu desolante positivismo, adverso a qualquer influencia espiritualista.

A obra de Balzac augmenta de valor na proporção dos annos, como um d'esses legendarios castellos medievaes que a mão do tempo envolveu na sagrada poeira da antiguidade, enflorando-os de musgos e parietarias.

Todos que pensam, todos que aspiram, todos que desejam arrancar ao marmore informe a scentelha prometheana, procuram na vasta e complexa obra de Balzac um conselho, um ensino, um fio conductor que deverá guial-os atravez do inextricavel e insondavel labyrintho da arte.

Estudar Balzac é estudar o organismo humano, comprehendido, sentido e revelado nas suas mais occultas e incomprehendidas engrenagens.

O poderoso cerebro de Balzac, deixando nas suas concepções a flamma genial, que não se extingue nunca, é similhante ao fogo que ardia no lar dos velhos patriarchas biblicos, ao calor do qual iam aquecer os membros enregelados e recuperar as perdidas forças os peregrinos vindos de todos os paizes.

Mas se todos conhecem as admiraveis producções do gigantesco romancista gaulez, se muitos aproveitaram a sua fecunda e luminosa influencia, raros são aquelles que conhecem a generosa e dedicada alma d'esse forte, d'esse ingenuo, d'esse affectuoso, que depois de reinar á grande luz da publicidade pelo dominador poder do seu talento, reinou á doce meia luz da intimidade, pela ineffavel bondade do seu coração.

Entre os grandes affectos de Balzac, sobresae o que elle dedicou a George Sand.

Em 1831, em seguida á publicação do romance *Indiana*, o nome de George Sand começava a vibrar intensamente.

A grande escriptora habitava então o modesto quarto de uma casa do quai Saint Michel.

Os primeiros lampejos d'esse extraordinario espirito attraíam simultaneamente a sympathia e a curiosidade. Todos desejavam vêr e conhecer a authora da *Indiana*.

O vigoroso talento de Balzac exercia sobre George Sand uma irresistivel fascinação.

Depois de lêr a *Physiologie du mariage*, a *Peau de chagrin*, as *Scénes de la vie privée*, George Sand experimentou um ardente desejo de conhecer Balzac.

O auctor da *Comedia humana* residia em uma modesta casa da rua Cassini, tendo ao fundo um pequeno jardim.

Um amigo commum encarregou-se da apresentação.

Balzac acolheu affectuosamente George Sand, que lhe disse, ao apertar-lhe a mão:

—Querido mestre, venho vêl-o, não na qualidade de musa provinciana, mas como uma boa pessoa que admira o seu talento.

Estas simples palavras encantaram Balzac e excitaram o seu bom humor, naturalmente expansivo e franco.

—As idéas affluem sem cessar ao men cerebro, dizia frequentemente o grande artista. Sou como uma arvore cujos ramos pendem, carregados de fructos.

A essa primeira entrevista, a essa alegre e effusiva conversação, em que se identificaram logo a alma, o espirito e o coração de ambos, alludia mais tarde George Sand n'estas palavras:

—Acho a convivencia de Balzac muito instructiva para mim.

O glorioso romancista não tardou em ir pagar a visita á sua admiradora.

E' George Sand que o refere:

«Elle trepou, com o seu enorme ventre, todos os andares da casa do quai Saint Michel, e chegou offegante, rindo e fallando, sem tomar folego. Pegava na papelada que estava sobre a mesa, e examinava-a, com a evidente intenção de vêr o que era; mas, lembrando-se dos seus trabalhos, principiava a enumeral-os. A sua companhia era muito agradavel, um pouco fatigante pela exuberancia de palavras, especialmente para mim, que não sei responder com a necessaria promptidão exigida pela versatilidade do conversador. Mas a sua alma era dotada de uma invariavel serenidade, que nunca se desmentia.»

Um dia, Balzac que professava em subido grau o culto de Rabelais, na obra do qual elle sentia estreitas affinidades com o seu robusto e expansivo temperamento, quiz transmittir á sua grande amiga a admiração, o ardente enthusiasmo que lhe inspirava o grande humorista gaulez. Preoccupado com essa idéa, Balzac leu a George Sand um capitulo de Rabelais, acompanhando-o de commentarios pittorescamente livres.

A auctora da *Indiana* franziu as sobrancelhas e voltando-se para o leitor, disse-lhe com a sua bella voz sonora e quente de indignação:

—*Vous êtes un gros effronté!*

Balzac riu-se, e respondeu-lhe:

— *En ce moment, vous n'êtes qu'une bête et une chipie!*

Nem por isso Balzac deixou de ser o melhor amigo de George Sand, e nem por um só instante se alterou a sincera affeição que a grande prosadora dedicava ao seu illustre confrade.

Balzac ia frequentemente a Nohant, residencia campestre da auctora de *Lelia*.

A sua chegada era um acontecimento, a sua hospedagem em Nohant era uma interminavel festa. A inextinguivel alegria d'esse infatigavel conversador enchia a casa, illuminava a mesa e a sala.

De uma vez, em Nohant, a conversa versou sobre as suas reciprocas obras, sobre a differença dos processos que ambos empregavam na factura dos seus livros, sobre a maneira individual, que lhes era peculiar, de vêr, de sentir, de pintar a *verdade*.

Então Balzac definiu n'estas palavras os seus dois talentos: «George estuda o homem tal qual elle devia ser; eu acceito-o tal qual elle é. Acredite-me, qualquer de nós tem rasão. Estes dois caminhos conduzem ao mesmo fim. Tambem me agradam os entes excepcionaes: sou um d'elles. Careço mesmo da sua intervenção para dar maior relevo aos meus personagens vulgares, e não os sacrifico nunca sem necessidade. Mas as vulgaridades interessam-me mais do que á minha amiga. Engrandeço-as, idealiso-as em sentido inverso, na sua fealdade ou na sua tolice. Dou á sua deformidade proporções terriveis e grotescas. George não saberia fazel-o; acho-lhe rasão em não querer vêr os entes e as coisas que lhe repugnam. Idealise no bonito e no bello, é essa a tarefa da mulher!»

N'estas despretenciosas palavras, proferidas entre um calice de tokai e uma sonora gargalhada, está um curso de litteratura.

Idealisar no feio, eis o germen do romance contemporaneo, cultivado com febril ardor por Daudet, Mizeroy, Guy de Maupassant e outros.

Uma das superioridades de George Sand, que mais directamente se impunha á sympathia de Balzac, era a total ausencia de pequeninos despeitos e de miseraveis invejas, tão vulgares na maioria dos talentos.

Alludindo á brilhante romancista, Balzac escreve: «George Sand não abriga no caracter a menor baixesa, nem nenhum d'esses sordidos despeitos que obscurecem tantos talentos contemporaneos. Dumas parece-se com ella n'este ponto. George Sand é uma nobre amiga...»

Eis um louvor insuspeito, que equivale para a gloria de George Sand, como mulher, ao mais levantado de todos os pedestaes.

Por entre as lutas da vida litteraria, com todas as suas tempestuosas alternativas, a amisade de Balzac e George Sand manteve-se sempre inalteravel, não perdendo nunca a sua irreprehensivel pureza, o seu platonismo, que faria as delicias do philosopho grego.

Em 1844, quando Balzac escreveu o romance *Beatriz*, modelou n'essa obra um prestigioso typo de mulher artista, fulgurante de intelligencia e de formosura. Para melhor pintar o personagem de *Camille Maupin*, Balzac evocou a belleza de George Sand, tal qual ella se lhe apresentara doze annos antes.

As delicadas linhas da phisionomia da amante de Alfredo de Musset, rasaltam das palavras de Balzac: «olhos inpenetraveis, belleza de Isis; mais seria do que graciosa, e como que ferida pela tristeza da constante meditação; longos cabellos negros entrançados, circundando-lhe a nuca; penteado cingido de duas *bandelettes*, como das estatuas de Memphis; fronte elevada, banhada de luz como a de Diana Caçadora; cutis esverdeada, de dia, branca de noite, sobre a qual desabrochava a purpura viva de uma bocca admiravelmente bella.»

Camille Maupin, tal qual surgiu da immortal penna de Balzac, é o retrato fiel e maravilhosamente similhante da autora da *Indiana*, em 1832.

(*Continúa*).

GUIOMAR TORREZÃO.

AS NOSSAS GRAVURAS

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Diplomata e poeta, mais poeta que diplomata.

A diplomacia começou a bafejal-o ha apenas quatorze annos, e as Musas acariciaram n'o logo á nascença.

Como addido na Bolivia, no Chile, em Londres e junto da Santa Sé, e como 1.º secretario da legação brazileira em Lisboa, não sabemos se Luiz Guimarães tem sido um Colbert ou um emulo de Bismarck. Como poeta, sabemos, porém, que é dos mais brilhantes e dos mais ricos de inspiração. Que o digam os seus alexandrinos rendilhados e formosos, as paginas do seu encantador livrinho *Sonetos e Rimas*, publicado em Roma, onde ha composições de subido valor, taes como a *Visita á casa paterna*, a *Morte da Aguia*, *Temperamentos*, e outras.

Como jornalista, romancista e dramaturgo, tambem Luiz Guimarães se impõe á nossa admiração profunda.

Os seus artigos, espalhados aos milhares pela imprensa fluminense, são verdadeiros chefes d'obra. Os seus romances constituem joias literarias de grande preço; e o seu drama, *As quedas fataes*, coberto pelas ovações do publico do Rio de Janeiro, foi um dos maiores triumphos da sua carreira de escriptor.

GERVASIO LOBATO

Um valente, que tem sabido conquistar a estima e o respeito da sociedade em que vive, a despeito da critica acerada dos cafés, dos *foyers* e da Havaneza.

Distinguindo-se de todos os outros escriptores pela maneira despreoccupada de dizer, sem se incommodar com a forma e muito menos com o estylo, odiando os adjectivos e os excessos do realismo, Gervasio Lobato tem-se dedicado, em todos os seus romances, ao estudo da sociedade burgueza, que elle, como ninguem, conhece. Em todas as suas obras se vê o observador profundo que, achando a situação, sabe tirar d'ella grande partido, e alliando a graça á naturalidade, obriga o leitor, que pega n'um dos seus livros, a não o largar sem o ter lido todo, de principio a fim.

De extrema facilidade no dialogo, Gervasio sabe conservar a linguagem particular a cada um dos seus personagens; nos romances que escreve não se vê uma criada fallando da mesma forma que uma mulher instruida e intelligente.

*

Gervasio Lobato trabalha todo o dia; e o original é todo feito sem ser revisto, sem ser emendado. E' uma machina incansavel, que produz tanta obra quanta lhe exigem, e toda ella de subido valor.

Poucos como elle, possuem uma *verve* mais espontanea, um tão extraordinario *humorismo*.

A *Comedia de Lisboa*, *Lisboa em camisa*, e alguns folhetins, publicados no *Diario da Manhã*, da *Comedia no theatro*, são producções que o publico tem devidamente apreciado, estando as edições das duas primeiras quasi esgotadas.

A *Primeira Confessada*, publicada em folhetins no *Jornal da Noite*, e depois em volume editado por Corazzi, se não é um dos seus melhores trabalhos, encerra paginas de grande estudo.

No theatro, não teem numero os *successos* alcançados pelo distincto escriptor. *A Condessa Heloisa*, *a Medicina de Balzac*, *e Debaixo da mascara*, deram-lhe os maiores triumphos no moderno theatro portuguez.

A *Voz do Sangue*, *Cabeça de Vento*, *Amigo dos diabos*, *Sua excellencia*, *Rua da Paz* etc., etc., não são traducções, são *arreglos* magnificos, que o publico applaudiu com enthusiasmo.

*

Gervasio Lobato tem collaborado em quasi todos os jornaes de Lisboa e em muitos das provincias e do Brazil, deixando em todos elles signaes do seu grande espirito.

A *Illustração Portugueza* deve-lhe alguns contos notaveis, e um romance original, que está sahindo em capitulos successivos, com extraordinario agrado dos seus leitores.

MACEDO PAPANÇA

(Visconde de Monsaraz)

Cursava ainda Direito em Coimbra, e já era reputado como um dos mais brilhantes poetas da geração nova. Fóra dos bancos da Universidade, tem sabido firmar essa fama tão justamente adquirida, com a exhibição de producções notabilissimas, que lhe valeram os applausos enthusiasticos dos mestres, os encomios de velhos e moços.

Educado na escola do seu tempo, Macedo Papança não poz, todavia, de parte os bons modelos classicos, para seguir ás cegas o realismo francez. Tem a rara virtude de um eclectismo temperado, sensato, realçado pelo seu fino gosto, por uma infinidade de qualidades propriamente suas, que se não subordinam a modelo algum, e que dão em resultado um poeta original, cheio de sentimento e de correcção.

*

Como dissemos, Macedo Papança tem affirmado as suas poderosas faculdades em grande numero de trabalhos notaveis. Depois de ganhas as esporas de oiro com as *Crepusculares*, foi collaborador assiduo do *Mosaico*, da *Evolução*, do *Cenaculo*, da *Renascença*, da *Litteratura Occidental* do *Museu Illustrado* e de va-

A ACTUAL E A FUTURA RAINHA DA HOLLANDA

rias outras publicações periodicas. Por occasião do tricentenario de Camões, escreveu a *Catharina de Athaide*, e mais tarde celebrou em preciosos versos o centenario do marquez de Pombal, dando á estampa *O Grande Marquez*.

O primeiro d'estes poemas mereceu as justas honras de ser recitado pelo author, a convite do Instituto de Coimbra, na sala dos Capellos da Universidade, sendo acolhido com verdadeiro delirio.

NOSSA SENHORA DO MONTE

A nossa gravura representa uma das sete colinas em que assenta Lisboa. O panorama que se gosa d'aquella altura é admiravel. A cidade baixa, o Tejo, a lindissima encosta para o lado oriental, offerecem ao curioso que visita a pequena egreja de Nossa Senhora do Monte uma perspectiva que não tem talvez egual.

A egreja antiga, que ali existia, foi totalmente arruinada pelo terremoto, mas pouco tempo depois, graças á caridade de alguns fieis, levantou-se o modesto templo que hoje se vê n'aquelle sitio e cuja verdadeira invocação é a de Nossa Senhora da Visitação. Todos os annos ali se celebra um a festa com grande pompa, a que concorre grande numero de fieis.

UMA PATUSCADA

Pueri ludunt.

Pelo pino do verão, á hora em que as cigarras arrebentam a cantar, sob a folhagem quente do arvoredo, estes seis fedelhos fazem uma orgia d'estalo, desembaraçados das roupagens importunas, para darem um tom ainda mais lubrico á ruidosa patuscada.

Canta-se, fuma-se, joga-se, faz-se um pouco de tudo. Cada qual dá largas, como pode, ao seu vicio predilecto, reinando entre os seis pandegos infantis d'ambos os sexos a mais completa alegria.

Um d'elles, porém, menos acostumado do que os outros áquellas orgias, embriagou-se com o charuto.

E' de ver a solicitude e o carinho da pequenina companheira, offerecendo ao libertino uma chavena de café, para lhe fazer passar a embriaguez!

A ACTUAL E A FUTURA RAINHA DA HOLLANDA

O fallecido rei da Hollanda desposou em segundos nupcias, a 7 de janeiro de 1879, a princeza de Waldeck-Pyrmont, Adelaide Emma, irmã da duqueza d'Albany.

D'este consorcio do monarcha hollandez com a gentilissima princeza nasceu a princeza Guilhermina Helena Paulina, chamada a succeder no throno, sob a tutela de uma regencia, que as camaras neerlandezas confiaram a sua mãe.

A futura rainha conta pouco mais de cinco annos.

Publicamos hoje o retrato d'esta formosa creança, que as circumstancias elevaram tão alto, acompanhando-o do retrato de sua mãe, a actual rainha da Hollanda.

PORTA DA EGREJA DAS FREIRAS DA CONCEIÇÃO, EM BEJA

O mosteiro das religiosas Xabreganas de Beja, foi fundado em 1467. O nome de Xabreganas procedia de ser a séde da sua ordem o convento de Xabregas, nas abas de Lisboa.

Este mosteiro está situado na *rua dos Infantes*, e teve por fundadores os infantes D. Fernando e D. Brites, paes de el-rei D. Manuel, que jazem na capella-mór da egreja do mesmo mosteiro.

Estas religiosas são franciscanas.

A egreja torna-se por muitos titulos monumental. A construcção é admiravel. As ornamentações e o brincado e rendilhado do portico, formam como que uma pagina eloquentissima da historia da architectura em Portugal no seculo XV.

Aquella vetusta fachada é ainda hoje o assombro de quantas pessoas visitam a cidade de Beja.

UM CONSELHO POR SEMANA

MANCHAS DE NITRATO DE PRATA

Tiram-se facilmente estas manchas das fazendas, humedecendo com agua o logar manchado, e pondo ahi uns grãosinhos de iodeto de potassio. Deixam-se durante algumas horas, e, se as manchas não desapparecem de todo, torna-se a pôr o iodeto de potassio. Depois lava-se com agua pura.

Este methodo é preferivel ao do cyanureto de potassio, cujo uso é perigoso.

EM FAMILIA

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' verbo, adjectivo e substantivo—1—2.
Une e tem vigor no convento—1—2.

X. RODRIGÃO.

Oro, sou triste e decidido—2—2.
Mata na musica e nas toiradas—2—1.
Este verbo é um peccado na ortographia—1—2.

Brazil. EDUARDO R. LEITE.

E' ruim esta parente, por ser aleijada—1—2.

Ajuda. A. MARIA DO REGO.

Governa e mata este homem—3—1.
Todos temos este insecto e este peixe—2—2

Porto. ATSOC & ODARROT.

EM VERSO

(POR SYLLABAS)

E' do rico e não do pobre—1.
E' do pobre e não do rico—1.

Tem o rico e tem o pobre,
Tem o pobre e tem o rico.

Ajuda. A. MARIA DO REGO.

Se na prima com segunda,
Tu déres com a primeira,
Vel-a fugir, com certeza,
De dentro da capoeira.
Póde ser, até, leitor,
Qu'a primeira com segunda
Esteja terceira e quarta,
— Oh! meu Deus que barafunda!
Prima e segunda
E' animal.
Na prima e quarta,
Vês outro tal.
Terceira e quarta,
Meu bom leitor,
Dizem ser vaso
D'algum valôr.
Prima, segunda e terceira
Embarcação, mui ligeira.
Depois de tanta massada,
O conceito, é de rigôr,
Que seja da sacristia,
Um humilde servidor.

Vizeu. PEQUENO ANTONINHO.

LOGOGRIPHO

(Em retribuição ao distincto charadista A. Meruje.)

Retribuindo a fineza,
Em versos um pouco azedos
Agradeço a d'licadeza
Do fructo «*lambe-lhe-os-dedos*»,

Ir a villa bem distante—9-2-11-12-5-7-13
Um sujeito assim chamado—5—3—14—8—6—7—10
Affirma ser fatigante—1—10-3—14—13-7—5
Não sendo aqui transportado—9—13—4—7-5—11.

Trouxe de certa cidade—6—2—5-4—7 13
Onde usava este appellido—8-3-13—11—1—10
Fabulosa divindade—11-3-5-14-2
E fructo mui conhecido—5-14—8-4—13-12.

O conceito do ordinario
E' que o todo sempre indica;

E n'este, vez semanario
Que em Portugal se publica.

MATHEUS JUNIOR.

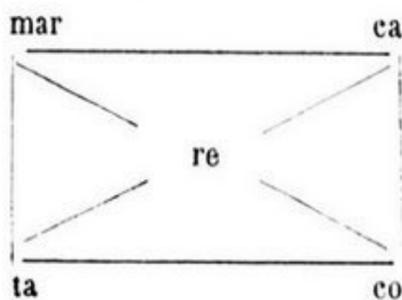
PROBLEMA

Um lavrador dispoz 60 garrafas n'um armario com 3 prateleiras, cada qual dividida em 3 partes, tendo por conseguinte 9 compartimentos. Em cada um dos compartimentos extremos da primeira e terceira prateleira collocou 6 garrafas, e no compartimento do meio poz 9; em cada um dos compartimentos extremos da segunda prateleira poz 9 garrafas. D'este modo, a somma dos numeros de garrafas existentes em 3 compartimentos, quer situados em linha vertical, quer em linha horisontal, era sempre egual a 21. Um criado, percebendo que o amo contava as garrafas d'este modo, para verificar se alguma tinha sido subtrahida, tirou primeiro 4, sem que aquella somma fosse alterada; tirou em seguida mais 4, e assim successivamente. Pergunta-se qual é o maior numero de garrafas subtrahidas pelo criado, e por que modo elle as collocou de cada vez para enganar o amo?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS NOVISSIMAS: Satrapa — Alcoice — Melapio — Leiria — Violino — Lagosta — Caravella — Porto Alegre.
DA CHARADA EM VERSO: - Poeira.
DO LOGOGRIPHO: —Thesaurocrypsonychocrysides.
DAS PERGUNTAS ENIGMATICAS: —Thyrso—Passadeira.
DO PROBLEMA:
O menor numero é 3, para levar ao meio do baralho a carta pensada; por que, na segunda disposição das cartas, ella ou fica logo no meio, ou em 4.º ou 6.º logar d'uma das fileiras. No segundo e terceiro caso, depois de reunidas as cartas, ella occupa o 22.º ou o 24.º logar, e portanto, por ser 4 o quociente inteiro da divisão de qualquer d'estes numeros por 5, a carta na ultima disposição fica no meio de qualquer das fileiras.

A decifração da 1.ª charada em verso, do n.º 27, firmada pelo sr. Xavier Rodrigão, é a seguinte:

EXPEDIENTE

O nosso distincto collaborador de Vizeu, *Pequeno Antoninho*, escreveu-nos em data de 28 de janeiro findo, enviando a decifração do logogripho que lhe fôra offerecido no ultimo numero d'este semanario, pelo sr. J. Vellozo, de Fraga.

Deixamos registrado o facto, para que o author d'aquellle logogripho ponha á disposição do habil decifrador o premio a que tem direito.

A RIR

Calino é chamado para photographar um defuncto. Depois de collocar a machina e dispôr o foco, o retratista volta-se para o cadaver e exclama:
—Cuidado! Não se mecha!

*

No tribunal:
O juiz interrompe a todo o instante o reu, que se defende.
—Ora, com effeito! exclama este, virando-se para os jurados; nem me deixam o direito de ser innocente!...

CURIOSIDADES

O JORNALISMO UNIVERSAL

Como prova da importancia que n'este seculo adquiriu a imprensa periodica, bastará dizer-se que se publicam actualmente no mundo mais de 35.000 periodicos, quer dizer um periodico para cada 28.000 individuos

Só na Europa publicam-se 20.000. A nação mais rica de periodicos é a Allemanha, que edita cerca de 5.000 folhas periodicas, das quaes 800 são diarias. Entre esta infinidade de publicações, ha periodicos profissionaes, religiosos, scientificos, de caça, d'artes e officios, etc. Os mais notaveis de todos elles são, incontestavelmente, as revistas scientifico-litterarias, onde brilha o profundo espirito philosophico allemão.

O periodico mais antigo da Allemanha é a *Gazeta de Francfort*, creada em 1616; e o mais popular o *Berliner Tageblatt*, que corresponde ao nosso *Diario de Noticias* e tem uma tiragem de 55.000 exemplares.

A Inglaterra occupa o segundo logar. Tem 4.000 periodicos, dos quaes 800 são diarios. O *Telegraph* tira 250.000 exemplares, o *Standard* 242.000, o *Daily-News* 160.000 e o *Times* 100.000.

Em França publica-se um numero quasi egual de folhas periodicas, correspondendo 1.586 á capital e 2.506 ás provincias.

A Italia tem 1.400 periodicos. D'estes publicam-se em Roma 200, em Milão 140, em Napoles 120, em Turim 94 e em Florença 79. A mais antiga de todas estas publicações é a *Gazeta de Genova*, fundada em 1797.

Na Austria e Hungria ha 1.200 periodicos. Entre elles figura a famosa revista de litteratura comparada, *Acta Comparationis Litterarum Universarum*, em que collaboram homens de lettras do mundo inteiro.

Em Hespanha publicam-se 850 periodicos.

A Russia tem apenas 800, dos quaes 200 são editados em S. Petersburgo e 75 em Moscow. Muitos d'elles publicam-se em duas ou tres linguas, a allemã, a russa e a franceza.

Na Grecia ha um avultado numero de periodicos: na Suissa existem 450; na Belgica 300, e egual numero na Hollanda. A Suecia e a Norwega não teem tão grande movimento jornalistico.

A Turquia é bastante rica de periodicos. Só na capital existem 150, escriptos em turco, em francez, inglez, armenio e grego.

Depois da Europa, citaremos a Asia, onde se publicam proximamente 3.000 periodicos, a maior parte dos quaes pertencem ao Japão e ás Indias inglezas. A China conta muito poucos; o mais conhecido é o *King-Pan*, folha official, que se publica em Pekin e faz tres edições por dia, em papeis de côr. No Japão ha cerca de 12.000 periodicos, com titulos tão harmoniosos como os seguintes: *O Hotchiskimbun, O Nitchimistchiskimbum, O Kayaskiboun* e *O Menikiskebon*. Este ultimo é o orgão do partido radical japonez.

A Africa é o continente mais descuidado em materia jornalistica. Conta apenas 200 periodicos, dos quaes 30 se publicam no Egypto e o resto nas colonias das diversas potencias da Europa.

A região americana é, depois da europea, a mais favorecida pela imprensa. Os Estados-Unidos teem 12.500 periodicos, dos quaes 1.000 são diarios. O primeiro periodico americano que houve publicou-se em Boston, em 1704, sob o titulo de *Boston News*. O Canadá conta 700.

Na Oceania edita-se um numero muito reduzido de periodicos, redigidos quasi exclusivamente por colonos europeus.

A lingua ingleza figura, em primeiro logar, na imprensa de todo o mundo, representada por 16.500 publicações. A allemã tem 7.800; a franceza 6.850, e a hespanhola 1.800.

TELEPHONO RELIGIOSO

Entre as diversas applicações da telephonia, merece, por curiosa, especial menção a seguinte, de que dá conta um jornal sueco:

A princeza Victoria da Suecia tem uma saude muito delicada, e, por isso, só de longe em longe os medicos lhe permittem levantar-se da cama e sair dos seus aposentos.

Como a princeza é muito devota e quer sempre cumprir á risca os preceitos religiosos, lembrou-se de pôr em communicação, por meio do telephono, aquelles aposentos com a capella do palacio. D'este modo, a illustre enferma, sem sair do seu quarto e ás vezes sem se mover da cama, póde perfeitamente seguir os incidentes de todas as festividades religiosas.

Aconselhamos o processo ás nossos leitoras devotas.

RETRATOS GRATIS

O pessoal do Banco de Londres acaba de augmentar-se com um photographo, cuja missão consiste em tirar os retratos a todas as pessoas suspeitas, que ali se apresentarem a receber a importancia de cheques, sem que essas pessoas o percebam.

Esta resolução foi tomada em virtude de grande numero de cavalheiros d'industria, de toda a especie, que pretendem explorar o estabelecimento.

E' impossivel submetter a um interrogatorio todos os individuos que se apresentam, com cheques, na caixa. O caixeiro paga immediatamente, mas se mais tarde apparece alguem a reclamar, não póde dar os signaes pessoaes do individuo que cobrou o cheque objecto da reclamação.

Para evitar isto, o photographo do Banco tirará, por ordem secreta do caixeiro e sem que ninguem mais o perceba, o retrato das pessoas desconhecidas que vão cobrar á caixa, aproveitando

para a operação o momento em que aquelle emregado faz o pagamento.

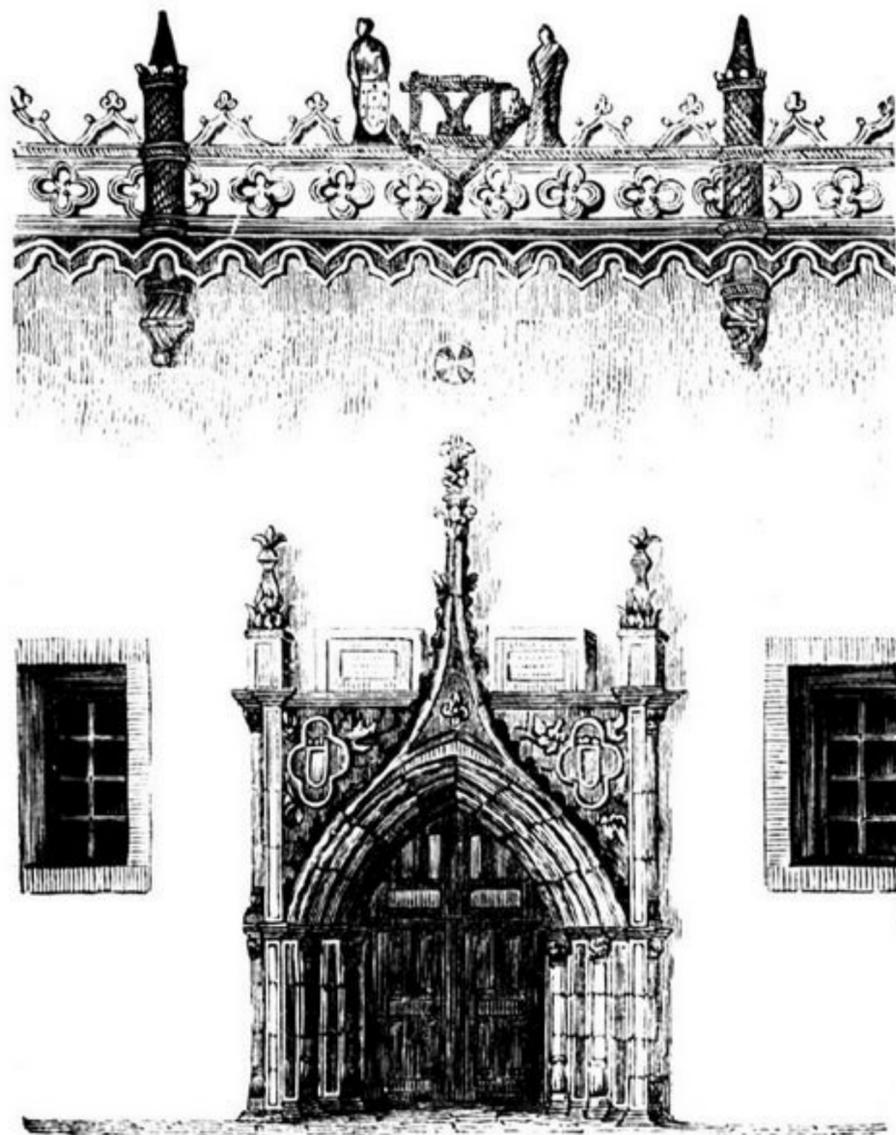
Essencialmente praticos estes inglezes!

COSTUMES ELEITORAES NA INGLATERRA

Na Inglaterra, as funcções de deputado, em vez de serem productivas, são dispendiosissimas. Um individuo pobre não pode sequer pensar em ir á Camara dos Communs, amedrontado pelos gastos fabulosos da eleição.

Como prova d'isto bastará dizer-se que mr. Chamberlain, actual deputado por West-Birminghan, teve de dispender as seguintes sommas na ultima campanha eleitoral: ao agente do governo, encarregado de presidir á eleição, 525$600 réis; aos empregados e commissarios, 151$000 réis; por impressos, folhas, circulares, avisos, etc., 684$400 réis; franquias de correio e telegrapho, 88$800 réis; pelo aluguel da sala onde se verificou o escrutinio, 155$200 réis; varias despezas, 324$200. Total, réis 1:929$200.

A eleição de Gladstone custou-lhe mais de 5:000$000 réis.

No collegio eleitoral de Sont-Paddington luctaram tres candidatos, e cada um d'elles teve de pagar a terça parte das despezas da eleição, que ascenderam a 2:482$400 réis.

Caras eleições!

NAUTILUS.

PORTA DA EGREJA DAS FREIRAS DA CONCEIÇÃO, EM BEJA

O CONTO DA VISCONDESSA

Havia aristocratica festa no palacete dos viscondes de S. Gusmão.

As janellas entreabertas jorravam sobre a calçada ondas de luz, que produziam nas poças deixadas pelos ultimos aguaceiros, cruas e estranhas scintillações. Uma chuva miudinha, persistente, batida pelo sul, carpia amores e chorava saudades nas espaçosas vidraças da esbelta frontaria. Trens rodavam com impetuosidade, para irem depôr, no largo portão d'entrada, formosas damas com luxuosas *toilettes* de setins, salpicadas de rendas, bordados, flores e pedrarias, que por momentos, faziam lembrar os esplendorosos vestuarios do seculo XVIII; e cavalheiros de ricas fardas douradas, ou diplomaticas casacas, em cujas lapellas refulgiam crachás e cruzes de varias ordens nacionaes e estrangeiras.

Era o anniversario da viscondessa de S. Gusmão, e toda a alta aristocracia, tudo o que no Porto havia de notavel na litteratura, na arte, e na sciencia, acotovelava-se junto da dona da casa para lhe dar unctuosos parabens e receber n'um sorriso ou n'um olhar a paga mais desejada d'uma mulher excepcionalmente formosa.

A viscondessa, com a graça que lhe era peculiar, esforçava-se por tornar agradavel a todos a permanencia no seu principesco palacio, uma verdadeira mansão de fadas, citado como modelo de bom gosto e elegancia.

A casa toda estava internamente ornamentada de custosas plantas tropicaes, que ostentavam garridas os seus coloridos de fogo e encobriam, com a luxuriante folhagem, as estatuas de marmore do peristilo, umas maravilhosas creações do nosso grande Soares dos Reis, esse artista eloquente e correcto.

Era por toda a parte um deslumbramento de vegetação, transportando-nos, por momentos, á mais deliciosa das regiões, á terra das flores por excellencia, á risonha e adoravel Florida.

No grande salão scintillante de lumes e pedrarias, onde os perfumes das flores se casavam com os das mil essencias caras, as quadrilhas succediam-se aos lanceiros, as escossezas e ás walsas vertiginosas, estonteadoras de rodopios febris e doidos.

A satisfação e o enthusiasmo patenteavam-se no rosto dos convidados, para quem as horas deslizavam rapidas, n'uma alegria doce e suave. Alta noite, quando o cançasso começava a apoderar-se dos que até então tinham tão intrepidamente dançado, a orchestra suspendeu, por momentos, as suas melodiosas harmonias, e as salas de jogo, de fumo, e do bufete, receberam todos aquelles que pouco antes enchiam o salão principal. Aqui e alli grupos formaram-se. N'uma sala proxima, algumas damas entretinham-se alegremente, fallando de modas, assumptos musicaes, emfim, um pouco de todos os mil nadas que compõem a bisbilhotice feminil. Argentinas gargalhadas soavam, e o exemplo, tornando-se contagioso, attrahiu varias outras senhoras e cavalheiros, que jubilosamente foram augmentar o familiar e animado cavaco. Discutiu-se a passada epoca theatral, e fez-se a critica dos livros mais em voga, até que a conversa foi insensivelmente resvalando para a apreciação dos ultimos escandalos, mysteriosamente segredados nas salas. Então, o velho conselheiro, com uma *verve* especial, narrou um pequeno incidente, cujas peripecias apimentou com o alegre sal de Boccacio. Era um caso anteriormente havido n'um baile, em que um par gentil rolara pelo tapete, perdido o equilibrio no meio d'uma *walsa* febrilmente estonteadora. A narração foi acolhida com um estrondoso successo de gargalhadas, que animaram a dona da casa a concorrer tambem para o augmento d'aquella deliciosa chronica escandalosa. Tomando, na ottomana, uma posição mais commoda, a viscondessinha começou:

—O caso que lhes vou narrar é veridico, e foi-me confiado por uma amiga minha, cujo nome discretamente calarei. E' uma simples historia de dois namorados, que se amavam doidamente, n'uma radiosa adoração, mais pura e suave que os doces idyllios das rolas e dos rouxinoes. Havia apenas o contra de a *ella* ser casada com um homem, que se não era um Othelo, era comtudo bastante resoluto, para fazer cessar bruscamente aquelle idyllio, caso d'elle tivesse conhecimento. A joven resistiu por muito tempo ás supplicas do amante, mas afinal cedeu, facultando-lhe uma entrevista nos jardins da propria casa. Era uma noite de verão serena e bella, em que a discreta claridade do luar dava uns tons phantasticos ás estatuas, e o arvoredo reflectia nas aguas dormentes das taças vultos sinistros de configurações estranhas. Os dois achavam-se sentados n'um banco perdido entre copadas laranjeiras, e emballados pelas mil harmonias do zephyro, que soluçava amores nas ramarias, esqueciam o mundo nos braços um do outro, quando se ouvem passos apressados, e o marido, tragicamente armado d'uma grossa bengala, apparece junto d'elles. Imaginem então o meu susto...

. . . .

Rompiam n'este momento os primeiros compassos d'uma *walsa* de *Strauss*, e os ouvintes levantaram-se ruidosamente, trocando olhares maliciosos, e abafando risinhos ironicos, alegres, como as confidencias das rolas nos solitarios pinheiraes.

EDUARDO SEQUEIRA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros ..	2$080 réis.	Anno, 52 numeros..	10$000 rs. fr
6 mezes, 26 numeros..	1$040 »	6 mezes, 26 numeros	5$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	520 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	40 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO», TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA